



Domínios da Imagem

A RECONSTRUÇÃO DAS CASAS EGÍPCIAS E OS DESAFIOS DE GÊNERO NA EGIPTOLOGIA

*THE RECONSTRUCTION OF EGYPTIAN HOUSES AND CHALLENGES OF
GENDER STUDIES IN EGYPTOLOGY*

Thais Rocha¹

História das imagens e as construções de gênero

Dezembro de 2024

Vol.18

DOI: 0.5433/2237-9126.2024.v1850786

Submissão:

25/06/2024

Aceite:

25/06/2024 (convidado)



Resumo: Este artigo aborda criticamente a associação das mulheres ao espaço doméstico no Egito antigo, analisando as reconstruções das antigas habitações feitas pela Egiptologia. O estudo se concentra no título *nbt-pr* e nas evidências arqueológicas das residências, especialmente das vilas de trabalhadores em Amarna e Deir el-Medina durante o Reino Novo (c. 1539–1075 AEC). Destaca-se a diversidade das habitações nesses contextos e a complexidade do material arqueológico, que não apoia a visão das mulheres confinadas dentro das residências. Além disso, o texto explora as limitações e as possibilidades dos estudos de gênero na Egiptologia para elucidar os modelos explicativos da vida doméstica e os vieses interpretativos que fundamentaram o processo de reconstrução das casas nesses assentamentos.

Palavras-chave: Espaço doméstico; Gênero; Egiptologia.

Abstract: This article critically examines the association of women with domestic spaces in ancient Egypt by analyzing Egyptological reconstructions of ancient dwellings. The study focuses on the title *nbt-pr* and archaeological evidence from residences, particularly in the workmen's villages of Amarna and Deir el-Medina during the New Kingdom (c. 1539–1075 BCE). It highlights the diversity of dwellings in these contexts and the complexity of the archaeological material, which does not support the notion of women being confined within the houses. Additionally, the text explores the limitations and potential of gender studies in Egyptology to clarify the explanatory models of domestic life and the interpretative biases that have influenced the reconstruction of dwellings in these settlements.

Keywords: Domestic Space; Gender; Egyptology.

INTRODUÇÃO

A associação da mulher ao espaço doméstico é apresentada nas fontes literárias egípcias desde o Reino Médio (Lichtheim, 1976; Simpson, 2003). Textos instrucionais, como os Ensinamentos de Ankh-Sheshonq, Ani e Ptah-Hotep, apresentam recomendações para os leitores a respeito de lugar e responsabilidades convenientes às mulheres, sobretudo em seu papel como esposas, e o comportamento adequado dos indivíduos na sociedade. Esse tipo de formulação das fontes textuais tem um contexto específico de produção e circulação entre os grupos privilegiados da sociedade egípcia antiga, em geral de oficiais próximos ao rei.²

Outras evidências literárias, como os contos e as poesias amorosas, apontam para a importância das esposas no equilíbrio e na manutenção do lar (Sweeney, 2002; Landgráfová e

1 Doutora em Egiptologia pela Universidade de Oxford, Professora de História Antiga e do Programa de Pós-Graduação História e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O artigo foi produzido durante o pós-doutorado no Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP) com o apoio da FAPESP (2020/13319-9). Email: thaisrocha@fafich.ufmg.br. <https://orcid.org/0000-0003-0616-1924>.

2 Sobre a noção de 'literatura' no Egito antigo, ver Parkinson (1991; 2010); Loprieno (1996); Hollis (2009).



Navratilova, 2009; 2014). Os textos egípcios, em seus diversos tipos, deram destaque às mulheres pelo seu papel no casamento. Majoritariamente produzidos por homens de grupos privilegiados, os textos instrucionais projetavam uma idealização da vida, descrevendo uma aspiração social.

Em linhas gerais, podemos afirmar que o lar ideal para a sociedade egípcia estava baseado na família nuclear, com o papel de homens e mulheres definido na família (Moreno Garcia 2012). Esse tipo de idealização também aparece na estatuária e na iconografia, principalmente no contexto funerário. Dependendo do status social, o vocabulário egípcio inclui termos para descrever desde relações de sangue até indivíduos ligados ao lar como corresidentes, servos, clientes, ‘amigos’ ou dependentes, com muitas nuances (Moreno Garcia, 2012; Olabarria, 2020). A documentação a respeito da casa de Heqanakht, um oficial do Reino Médio, por exemplo, menciona dezoito pessoas em sua residência, incluindo familiares, trabalhadores e servas (Allen, 2002, p. 116-117), o que é também atestado em outras fontes de grupos sociais privilegiados. Nesses contextos, o papel das mulheres no lar é fundamental para a organização e a manutenção da casa.

As mulheres são, em geral, representadas como mães, esposas e, mais raramente, como irmãs no contexto funerário (Sweeney, 2011), o que indica que sua visibilidade social dependia, em grande medida, do papel que exerciam nesse círculo de parentesco.³ Contudo, isso não quer dizer que as mulheres tivessem um papel secundário no ambiente familiar. No caso egípcio, temos evidências de mulheres que eram proprietárias, podiam herdar os bens familiares e também se representar sem a presença masculina nos tribunais (Robins, 1994; McDowell, 2010[1999]; Toivari-Viitala, 1998; 2001; 2013).

Ainda que as fontes egípcias reforcem a importância das mulheres na família e na casa, é preciso reconhecer e problematizar o viés interpretativo ocidental que tratou das mulheres no espaço doméstico egípcio. Há dois problemas nessa formulação que não dizem respeito às fontes egípcias necessariamente, mas são de ordem conceitual. O primeiro é que precisamos examinar o que se entendia por espaço doméstico ou ‘casa’ no Egito antigo, levando em conta a variedade das formas de habitar e as diferenças sociais. O segundo diz respeito ao problema do gênero propriamente dito: a maior parte da produção egiptológica sobre o gênero se concentrou na documentação textual, reforçando uma representação extremamente parcial das mulheres no Egito antigo, concentrada em um estrato específico de mulheres ligadas a grupos sociais privilegiados. Deste modo, o que a Egiptologia destacou sobre as mulheres não reflete uma experiência universal e será preciso, ainda, explorar outras experiências femininas na sociedade egípcia antiga, principalmente a partir do material arqueológico. Ao mesmo tempo, nunca houve um estudo sistemático sobre masculinidades no Egito antigo, o que torna a compreensão das relações de gênero ainda mais limitada.⁴

No escopo deste dossiê, me limito a discutir um problema que se refere ao modo como noções sobre o espaço doméstico e o papel das mulheres no mundo ocidental impactaram a interpretação das fontes egípcias e, em especial, a reconstrução das residências em que as mulheres são representadas a partir do título *nbt-pr* (‘Senhora da Casa’). Assim, ao discutir os

3 Ver Olabarria (2020), Skumsnes (2018) para discussão e referências.

4 Ver, por exemplo, Parkinson (1995; 2008) e Reeder (2008), que discutem o tema a partir da questão da homoafetividade e do *queer*. Budin (2020; 2023) reflete sobre a necessidade de realizar um estudo sistemático sobre as masculinidades no Egito e no Antigo Oriente Próximo.



problemas e desafios de reconstruir antigas estruturas, é preciso pensar, também, como e por quem elas eram habitadas.

O estudo das antigas casas egípcias, ao longo do século XX, refletiu valores e experiências domésticas específicas do mundo europeu que, em grande medida, moldou a compreensão contemporânea da casa e das relações sociais estabelecidas no espaço doméstico (Rocha, 2018; 2020). Esse viés deve ser considerado, abrangendo não apenas as tensões coloniais na formação da Egiptologia, mas também a compreensão da experiência doméstica fora do contexto europeu, quicá em um viés etnográfico, quando possível.

Esse problema será examinado a partir das residências das vilas trabalhadoras de Deir el-Medina e Amarna durante o Reino Novo (c. 1539–1075 AEC), pois elas serviram de base para a elaboração de um modelo sobre a vida doméstica no Egito antigo, utilizado pela maioria dos pesquisadores interessados no tema do gênero.⁵ A antiga cidade de Amarna fornece um repertório importante sobre a arquitetura doméstica egípcia, que pode ser encontrada também em outras regiões, como Kahun, Malkata, Abidos, Sesebi, Amara Oeste, Elefantina, Gizé e Deir el-Medina (Spence, 2004). Ainda que não haja consenso se as casas amarnianas sejam representativas para todo o território egípcio do Vale do Nilo (por exemplo, Kemp 1977a; 1977b; Arnold, 1989; Lacovara, 1997; Spence, 2004), assumo o pressuposto de que as residências amarnianas expressam um modo egípcio de habitar.

A RECONSTRUÇÃO DAS ANTIGAS HABITAÇÕES: PROBLEMAS E PRESSUPOSTOS

O processo de reconstrução das estruturas arquitetônicas pelos arqueólogos exige, para além dos dados e de formação técnica, uma dose de imaginação. A partir das escavações e da documentação sistematizada dos diferentes depósitos e artefatos, os relatórios consistem sobretudo na produção dos planos das estruturas e na localização dos artefatos. Tais evidências são também produtos de interpretações; essas etapas constituem-se mutuamente e não podem ser avaliadas separadamente. O próprio processo de escavação obedece à interpretação do arqueólogo sobre aquilo que é observado.

No caso do estudo do espaço doméstico, é preciso dar destaque a alguns elementos que impactam diretamente a interpretação das evidências. O primeiro deles é a própria definição de espaço doméstico que, normalmente, limita-se às estruturas arquitetônicas, criando uma sobreposição do local de habitação com o edifício em si (Carrington e Barrett, 2023, p 14). Contudo, não há sempre uma relação direta entre uma estrutura e uma habitação: algumas residências consistem em grandes propriedades com múltiplos edifícios, enquanto outras possuem estruturas dentro de estruturas.

Outro elemento fundamental diz respeito à definição de ‘área de atividade’, que normalmente é associada a atividades de produção (alimentos, criação de animais etc.) no contexto doméstico.⁶ Qual o limite para estabelecer uma área de atividade doméstica?

5 Ver principalmente os trabalhos de Lynn Meskell (1999; 2000; 2002).

6 Ver Rainville (2015) e Pfälzner (2015) para discussão e referências.



Comunidades que tenham, por exemplo, um forno compartilhado pelos vizinhos, como a Vila de Trabalhadores em Amarna, poderia caracterizar essa instalação como uma ‘área de atividade doméstica’? Como definir as cozinhas (Dorry, 2023)? É preciso separar as áreas de produção das áreas de consumo? Uma estrutura que oferece abrigo pode ser considerada doméstica? Quais os critérios que definem as atividades associadas ao habitar, quais são essenciais, por que e para quem? (Barret e Carrington, 2023).

Muitas atividades que ocorrem em casas também acontecem em ambientes residenciais ou quase residenciais. Locais como estalagens, tabernas, bordéis, entre outros, podem configurar um espaço para habitação temporária, mas que abriga permanentemente os trabalhadores desses estabelecimentos. É preciso lembrar, também, que outras instituições, como escolas, orfanatos, asilos, mosteiros, podem também configurar espaços habitacionais institucionalizados (por exemplo, Hamlet, 2015). A sobreposição dos espaços de trabalho com as habitações parece ter sido a norma de grande parte das sociedades europeias antes da Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX, quando se estabeleceu uma diferenciação mais clara entre o local de trabalho e o local da moradia.

Se a antropologia e a arqueologia reconhecem que as formas de habitar são múltiplas e variadas (Allison, 1999; Miller, 2001; 2008), é preciso cautela na construção de modelos habitacionais, mesmo que eles sejam específicos para cada sociedade, com contextos históricos e sociais distintos. Habitar deve ser visto sempre como um processo e não um dado fixo. O paradoxo do trabalho arqueológico está no esforço em reconhecer as diferenças dos artefatos, ao mesmo tempo em que se dedica ao estabelecimento de tipologias.

Durante muitos anos, os estudos sobre o espaço doméstico e as formas de habitar no Egito antigo se concentraram na apresentação de tipologias com uma minuciosa descrição das estruturas e a respectiva classificação em uma perspectiva evolutiva e cronológica. No início do século XX, os egiptólogos destacavam as estruturas arquitetônicas, grandes objetos e elementos decorativos (Petrie, 1891; Peet e Woollley, 1923; Bruyère, 1939). Apesar das limitações, esses estudos foram fundamentais para estabelecer bases para pesquisas posteriores sobre as residências dos antigos egípcios e seus estilos de vida.

A compreensão da vida doméstica se deu, em especial na Egiptologia anglófona, a partir da noção de cotidiano (*daily life*), elaborada principalmente a partir de fontes textuais e iconográficas associadas a modelos problemáticos, derivados de assentamentos conhecidos como ‘vilas trabalhadoras’, como Lahun, do Reino Médio (c. 1975-1640 AEC), e Deir el-Medina e Tell el-Amarna, do Reino Novo (c. 1539–1075 AEC). Esses modelos de arquitetura doméstica derivam-se de escavações que se concentraram em estruturas de grande escala e na reconstrução das casas. Estes sítios tornaram-se importantes referências de assentamentos urbanos no Egito antigo. Eles preservaram casas de diversos tipos e tamanhos, fornecendo material para o desenvolvimento de um repertório inicial sobre o espaço doméstico egípcio na antiguidade (Griffith et al., 1890; Petrie et al., 1923; Peet e Woolley, 1923; Rieke, 1932; Pendlebury, 1951; Borchardt e Rieke, 1980).

O estabelecimento de tipologias de casas depende sobretudo da regularidade das formas arquitetônicas: tamanho e número de cômodos, localização de estruturas fixas (escadas, fornos), acessos e elementos decorativos. Esse tipo de padrão é mais facilmente observado nas habitações estatais, o que Nadine Moeller (2016) chamou de ‘assentamentos com propósito



especial’, como as vilas trabalhadoras e as cidades-templo. A alta variabilidade das formas sugere limites da ação da administração faraônica, indicando que as alterações são questões privadas e resultado das relações entre indivíduos. As razões para a variação tipológica são fundamentalmente sociais e não apenas econômicas.⁷

Apesar da diversidade de tipologias, os dados coletados sobre as residências vêm de um número limitado de assentamentos, o que torna o catálogo de residências ainda incompleto, sobretudo porque ignora outras formas de habitação, por vezes temporárias e sazonais, fora dos principais centros urbanos egípcios.

Os dados obtidos das escavações sobre as vilas trabalhadoras indicam que, apesar de uma aparente homogeneização das formas e estruturas das casas produzidas nas plantas dos assentamentos, não há regularidade nas estruturas das casas. Essa discussão já foi abordada para Deir el-Medina quando aponte o problema do estabelecimento de um paradigma de interpretação do espaço doméstico a partir da idealização de uma casa, e não dos dados concretos do sítio (Rocha, 2018; 2023). O modelo de Bruyère (1939, p. 50; fig. 15) reuniu os elementos selecionados e comuns às casas da vila e foi amplamente reproduzido na literatura egíptológica, mesmo com os pesquisadores reconhecendo as diferenças entre as casas (ex. McDowell, [2010]1999; Meskell, 1998, 1999, 2000; 2002, 2005; Koltsida, 2007a, 2007b; Weiss, 2015).

Isso trouxe diversos problemas para a conceitualização do espaço residencial egípcio e o entendimento da vida doméstica. Seguindo o modelo de Bruyère, as pesquisas deram destaque à unidade habitacional, espelhando a casa egípcia no modelo ocidental e descrevendo-as com termos como ‘cozinha’, ‘quarto’ e ‘sala de estar’. No caso de Deir el-Medina, Bruyère utilizou uma série de termos franceses para descrever estruturas e cômodos, que nada dizem respeito ao modo de viver no Egito.

A divisão dos cômodos também refletia uma divisão sexual do trabalho, classificando os espaços como masculinos ou femininos (Kemp, 1987b; 2012; Meskell, 2000; 2002; Spence, 2004). A descrição detalhada do espaço interno das casas e a disposição dos objetos foram usadas para determinar funções específicas para cada cômodo. As residências eram examinadas como unidades isoladas e autônomas, com cada cômodo definido por suas funções e gêneros específicos, destacando uma clara separação entre os diferentes espaços e atividades. Este modelo projeta para o vestígio arqueológico o modelo da ‘casa de bonecas’ (Rocha, 2020; 2023), que fortalece um modelo explicativo voltado para o interior da residência, reforçando a abordagem interpretativa da *household*, que enfatiza a produção econômica do grupo familiar (por exemplo Kemp, 1989).

O estabelecimento de tipologias foi potencializado pelo desenvolvimento de tecnologias que auxiliaram no processo de reconstrução das residências. No entanto, a transformação de um plano bidimensional em uma estrutura tridimensional não está livre de vieses. Modelos isométricos e 3D, auxiliados pelo uso da fotogrametria e, por vezes, de ferramentas de georreferenciamento, dependem da interpretação dos vestígios arqueológicos. Contudo, para além dessa tecnologia, é

7 Contrariando aqui a definição de *household* por Wilke e Rathje (1982), que estabelece o critério econômico da ‘produção’ para as residências. Barry Kemp (1989) parte também dessa definição ao pensar o sistema de redistribuição egípcio. Seguindo a mesma linha, Mark Lehner (2000) propõe o modelo fractal de redistribuição, partindo do faraó (*pr aA*, termo que pode ser traduzido como ‘a grande casa’), através dos templos, para as residências. Esse tipo de modelo enfatiza a produção econômica de residências e grupos familiares como elemento fundamental da organização social.

preciso ‘repopular’ essas habitações, indo além da mera indicação da escala humana relativa aos edifícios. Esse processo, em geral, aparece em livros didáticos ou paradidáticos e, mais raramente, na produção acadêmica, com algumas exceções (por exemplo Kemp, 2012; Arnold, 2020; Lehner 2022).

Um dos problemas ao lidar com a reconstrução das casas egípcias é que nem sempre se pode identificar quem viveu naquela residência. No caso das vilas trabalhadoras, o material amarniano é caracterizado pela ausência de qualquer vestígio textual, ao contrário da vila de Deir el-Medina, em que é possível identificar os nomes dos moradores nas portas das casas e cotejar com a documentação proveniente das capelas funerárias. Estima-se que um grupo de aproximadamente 5 pessoas residia nessas casas (Meskell, 1998; 2002), o que pode ajudar a pensar a dinâmica de ocupação do espaço interno da residência, mas a divisão interna precisa ser pensada a partir das estruturas e da existência de elementos que pudessem modificar a disposição interna dos cômodos, como cortinas, biombos, criando separações temporárias. Todavia, essas informações não podem ser recuperadas arqueologicamente. Um outro caminho é buscar paralelos nos textos e tentar compreender o papel dos indivíduos nesses espaços.

NBT-PR E A ‘DONA DE CASA’ EGÍPCIA

A língua egípcia atesta uma enorme diversidade de títulos para mulheres, ao longo de sua história (*st*, *nbt-pr*, *Hmt*, *Hnrwt*, *sbnt*), com significados ambíguos e que se transformam em diferentes períodos. Os títulos, que também existiam para os homens, expressavam status sociais e não uma ‘natureza’ limitada ao gênero, masculina ou feminina.

O título feminino não real mais frequente nas fontes egípcias é *nbt-pr*, traduzido como ‘Senhora da Casa’, que apareceu a partir da XI^a Dinastia, perdurando até o Período Ptolomaico (Toivari-Viitala, 2001; Stefanović e Satzinger, 2015). O título não indica precisamente o escopo das funções associadas a ele, mas refere-se a uma mulher de posição social elevada, que poderia ser uma esposa legítima e provedora de herdeiros, ou a uma mulher idosa e independente e ou, ainda, uma chefe de família ou mulher que possuísse propriedade, independentemente do seu estado civil (Toivari-Viitala, 2001; Rocha, 2012; Stefanović e Satzinger, 2015).

Durante o Reino Novo, o título *nbt-pr* era encontrado em registros monumentais, seguindo outros títulos acima da cabeça das mulheres representadas sentadas (Skumśnes em preparação).⁸ Mais especificamente, embora o título *nbt-pr* seja considerado um título institucional, suas variantes sugerem uma combinação de títulos institucionais e relacionais, associadas também ao parentesco. Além disso, tanto títulos institucionais quanto ocupacionais podem, potencialmente, sugerir uma função, talvez até com um significado socioeconômico, mas falar de uma ocupação no sentido moderno é altamente problemático.

Um outro título comum é *ꜥnḥt nt nṯw.t*, conhecido desde o Reino Médio, e que se tornou comum a partir do período Ramessida, principalmente durante o final da XX^a Dinastia. Esse

8 Há referências em óstracos O. Cairo CG 25216 vs. e O. DM 1738, embora incertas. É difícil atribuir um significado ou função específica ao título e às variantes mencionadas *nbt-pr.f* (a senhora da casa dele) e *nbt-pr nb.s* (a senhora da casa do senhor dela) são datadas da XIX^a Dinastia e encontradas principalmente em estelas e estátuas (Stefanović e Satzinger, 2015).



título ocorre em óstraca e papiros associados ao contexto legal e cotidiano e é possível sugerir que *ḥnt nt nww.t* tenha vindo a substituir *nbt-pr* no Reino Novo, o que leva alguns a argumentar que a nova escolha do título indicaria uma mudança de foco da esfera doméstica da casa (*pr*) para a esfera pública da cidade/vila (*nww.t*).⁹

Reinert Skumses (em preparação) relembra que os títulos se referindo a mulheres nos textos jurídicos são diferentes dos que aparecem na tumba: *nbt-pr* e *šmꜣyt (nt bAs;)* são atestados com mais frequência no contexto funerário, o que indica que é possível que o contexto determinasse o título mais apropriado. No caso de *nbt-pr*, o título fixava o papel das mulheres na casa e no casamento, uma dimensão distinta de *ḥnt nt nww.t*, um título que enfatizava o status do indivíduo como uma pessoa legal e do contexto dos tribunais, com claro interesse para a comunidade.

É difícil compreender a razão das mudanças nos usos da titulaturas não reais femininas ao longo da história do Egito antigo, mas é possível que a Egiptologia tenha privilegiado algumas fontes em detrimento de outras, criando a falsa impressão de que as mulheres, gradativamente, tenham sido ‘empurradas’ para o contexto doméstico. O aparente declínio nos títulos femininos não reais a partir do final do Reino Antigo (Stefanović e Satzinger, 2015) pode ser justificado também pela má preservação de outras evidências que atestavam atividades femininas, como é o caso das impressões dos selos femininos que podem ser vistos também como uma ‘assinatura feminina’ (Wegner, 2004; Quirke, 1999; 2007, Skumsnes, em preparação) ou casos de indivíduos que agiam sob a autoridade das proprietárias femininas do selo, cujo título mais comum era *nbt-pr*.

Alternativamente, o termo pode ser traduzido como ‘proprietária de uma casa’ e não era, portanto, limitado à ideia de mulher casada, como é o caso de muitas vezes outro título, *Hmt.f* (‘esposa’), atestado sem *nbt-pr* associado a ele. As Senhoras da Casa eram responsáveis por gerenciar vários aspectos do lar, que poderiam consistir na família nuclear e extensa. Uma Senhora da Casa de grupos mais abastados supervisionava um grande número de funcionários e atividades, enquanto nas casas de menor status, ela seria responsável pela produção real dos bens necessários para a manutenção do lar: teceria, moeria e assaria pão, fabricaria cerveja e, talvez, fizesse compras, vendesse ou trocasse outros produtos.¹⁰ Como Senhora da Casa ela também teria direito à herança e poderia ser tutora das propriedades do marido.

É fundamental pontuar que o casamento no Egito faraônico não pode ser examinado no sentido contemporâneo da instituição. Entre os egípcios, ele tinha pouca regulamentação governamental ou religiosa, sem cerimônias formais, nem de contratos vinculando duas partes. Tratava-se da entrada de uma mulher na casa de um homem acompanhada de um pagamento (real ou fictício) de presente nupcial, o *šp n šhmt*. O divórcio, por outro lado, descrito em termos de ‘expulsão’ ou ‘partida’, era aparentemente uma questão legal, provavelmente devido a preocupações econômicas.

9 É importante verificar que *pr*, no Reino Novo, refere-se à instituição da casa, não somente ao edifício. Ver Kessler (2008). 10 Ver Eyre (1998; 2013), McDowell (2010[1999]). Importante não confundir com as representações de mulheres em versões do Livro do Mortos, sobretudo no Reino Novo, como é o caso do Papiro de Anhai (BM, EA 10472/5). Mulheres de status elevado são representadas em atividades agrícolas e criação de animais. Tais representações referem-se ao Campo de Juncos, o local onde os justos desfrutariam da vida eterna após passarem pelo Julgamento de Osiris. Ver Taylor (2010).



Para além do status marital, o título ‘Senhora da Casa’ também foi interpretado como designação para a chefe feminina do lar. Durante a XII^a Dinastia, Fischer sugeriu que a presença deste título antes dos nomes de mulheres abastadas indicava maior independência e status para as mulheres. No Reino Novo e entre os séculos VIII e VI AEC, *nbt-pr* parece ter sido usado para designar uma mulher casada em um casamento reconhecido, e que havia dado um herdeiro ao marido, e/ou uma mulher sênior em um lar independente.

A partir do Terceiro Período Intermediário houve uma preocupação crescente com a posição socioeconômica e a segurança das mulheres, que pode ser interpretada como indício da independência progressiva das mulheres a partir dos séculos VIII a VI AEC, uma vez que não dependiam de um homem para lidar com questões legais (Johnson, 2003; Stefanović e Satzinger, 2015; Li, 2017).

O título *nbt-pr* é ainda mais problemático porque os estudiosos não concordam em que grau ele era um indicador de status. O título poderia ser um indicativo de status social elevado ou apenas um título honorífico. Toivari-Viitala (2001) estudou a titulatura feminina a partir da documentação da vila de Deir el-Medina e sugeriu que *nbt-pr* atribuía à mulher uma posição de destaque no lar, sem referência a um homem. Contudo, sua análise valoriza o aspecto do casamento como um meio para as mulheres atingirem um status de importância no lar (Stefanović e Satzinger, 2015; Skumsnes, em preparação), o que não encontra eco em outras fontes. O fato de *nbt-pr* aparecer em contextos mais públicos indica que o título era um importante marcador de identidade social feminino.

Em geral, podemos afirmar que o título era um importante marcador de identidade social e papel de uma determinada mulher. O famoso Papiro de Adoção (P. Ashmolean 1945, 96), datado do reinado de Ramsés XI, detalha a adoção de Rennefer, uma Cantora de Seth-Nanefer, por seu marido Nebnefer, devido à falta de filhos biológicos. O documento também relata a subsequente adoção dos três filhos das escravas de Rennefer. Apesar de Rennefer ser claramente casada e possuir poder econômico, ela nunca foi referida como ‘Senhora da Casa’.

REPRESENTAÇÕES DAS RESIDÊNCIAS

Parte significativa das representações das residências egípcias são encontradas nas decorações de tumbas tebanas durante o Reino Novo. É preciso cautela ao interpretar essas imagens, levando em conta o contexto específico da sua produção e do seu meio de circulação. A maioria dessas representações é altamente esquemática e, muitas vezes, refere-se às aspirações sociais do morto. Essas representações costumam dar destaque ao dono da casa, o chefe da família, que geralmente é representado em tamanho maior e supervisionando seus bens e as atividades desempenhadas pelos servos e demais membros da família. A maioria das residências é representada em forma quadrada ou retangular, com frequência estreita, com janelas situadas acima das portas, sugerindo estruturas de dois andares.

Antes de prosseguir com qualquer discussão sobre as representações das casas egípcias, é preciso pontuar alguns elementos sobre o modo egípcio de representar o mundo. Embora as



convenções de desenho egípcio diferissem das nossas, elas eram regidas por um sistema formal rigoroso e legíveis para seu público-alvo, e para nós podem ainda parecer incorretas ou amadoras.

Os artistas/artesãos egípcios eram chamados de *s-anx* ('o que dá vida', em uma tradução livre) e representavam seus temas a partir da perspectiva, ou ausência da perspectiva geométrica. O objetivo dos artistas era retratar a natureza duradoura dos objetos e cenas que representavam (Robins, 1994b). Esse tipo de representação pode ser observado, por exemplo, no modo como os jardins eram desenhados (Figura 1), através de um plano visto de cima, onde elementos como plantas aquáticas, pássaros e barcos eram desenhados dentro de um retângulo, que simbolizava um lago, enquanto árvores ao redor pareciam estar deitadas no chão. Esse método permitia que o plano do jardim fosse facilmente compreendido e convertido em termos reais (Robins 1994, 13).

Figura 1 - Afresco com a representação de um jardim na Tumba de Nebamum, c.1380 AEC, EA37983, Museu Britânico.

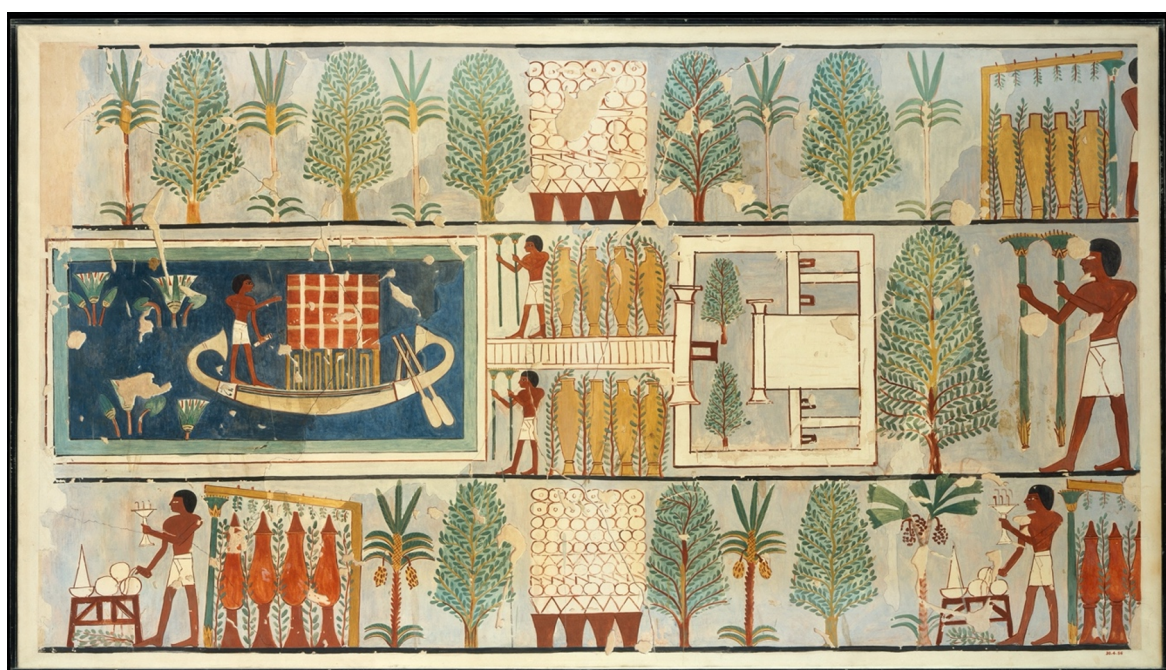


Wikicommons

As representações arquitetônicas seguiam um modelo semelhante: um plano do edifício, com portas e pilares mostrados em elevação, criando a impressão de que estavam planos no chão. Os artistas organizavam esses elementos na superfície do desenho em registros horizontais dispostos verticalmente, cada um com uma linha de base que servia para posicionar as figuras (Robins, 1994).

As representações das residências no contexto funerário (como exemplo, a Figura 2) tinham também o objetivo de valorizar o homem responsável pelo grupo familiar, a extensão de suas propriedades e apresentá-lo como um membro da sociedade favorecido pelo rei. A hierarquia social dos membros da família e dos serviços seguia um padrão rígido de apresentação, sempre em estreita relação com as inscrições dos textos das tumbas. Esse tipo de reprodução limita-se aos grupos mais abastados, que podiam ter uma residência deste porte e uma tumba decorada. Por outro lado, as representações de residências menores são praticamente ausentes da decoração funerária.

Figura 2 – Ritual Funerário em um Jardim, Tumba de Minnakht, XVIIIª Dinastia, Tebas. Fac-símile por Charles K. Wilkinson. Rogers Fund, 1930, Metropolitan Museum of Art, 30.4.56



<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/544601>

O caso das chamadas vilas trabalhadoras é uma exceção, pois, apesar de termos residências pequenas (aproximadamente 5m x 5m), esses grupos eram bastante privilegiados em comparação a outros na sociedade egípcia, uma vez que recebiam suprimentos regulares de água, alimentos e ferramentas para desempenhar suas tarefas. Essas vilas, em geral afastadas dos centros urbanos, eram alocadas próximas a grandes empreendimentos da administração faraônica, como é o caso da vila de Deir el-Medina, que abrigou a comunidade envolvida na construção do Vale dos Reis, em Tebas, no Reino Novo.

AS VILAS TRABALHADORAS DE DEIR EL-MEDINA E AMARNA

As vilas trabalhadoras de Deir el-Medina e Amarna, ambas do Reino Novo, se tornaram referências fundamentais para o estudo do espaço doméstico e das mulheres no período faraônico. Elas fazem parte de um tipo de empreendimento da realeza faraônica que fundava esse tipo de assentamento para abrigar mão de obra (semi-)temporária ou permanente, em geral associada a complexos funerários ou a templos.¹¹ Deir el-Medina abrigou a comunidade trabalhadora envolvida nos trabalhos da necrópole do Vale dos Reis e alguns pesquisadores acreditam que essa comunidade foi transferida para Amarna, quando a nova capital foi fundada por Akhenaton.¹²

Esses assentamentos se caracterizam por casas construídas dentro de uma área murada, estabelecida inicialmente pelas autoridades faraônicas. Nessa área, os habitantes receberiam um montante inicial de tijolos e poderiam construir suas casas. Não se sabe ao certo como essas residências foram construídas, mas uma observação detalhada das plantas dessas casas nos permite afirmar que não havia uma padronização rigorosa das habitações, e os moradores podiam fazer as devidas adaptações, como se observa no posicionamento distinto das escadarias e dos acessos internos dessas casas (Kemp, 1984; 1987b; 2012).

A Egiptologia transformou as residências das vilas trabalhadoras em um paradigma da vida cotidiana, sobretudo associada à esfera doméstica, mas não questionou os modelos explicativos que construíram tais formulações. Este modelo replicou, em grande parte, a visão de arqueólogos franceses e ingleses sobre as residências nestes assentamentos. As duas escolas da Egiptologia europeia trataram vida doméstica como uma experiência a portas fechadas, em que a casa era o espaço da família (nuclear ou estendida), do conforto e da estabilidade. Ainda que os textos egípcios tenham reforçado a importância do lar e do grupo familiar, é preciso ponderar os entendimentos distintos sobre esses temas.

Um dos problemas associados ao estudo das vilas trabalhadoras é o tratamento das casas como uma ‘casa de bonecas’, tomando como inspiração a casa vitoriana que segregava os cômodos por atividades, grupos sociais e gênero (Rocha, 2018; 2020). Essa visão, no entanto, não se aplica ao contexto egípcio nem às residências de grupos abastados, e muito menos ao modelo da casa tripartite das vilas trabalhadoras.¹³

Bernard Bruyère produziu um modelo ideal para a casa egípcia a partir das escavações em Deir el-Medina no início do século XX (Figura 3). Deir el-Medina, com seu vasto acervo de fontes textuais, tornou-se a principal referência para entender a vida doméstica no Egito antigo. Contudo, a vila de Amarna teve o material arqueológico mais sistematicamente escavado e documentado a partir da década de 1970, mas não foram encontradas evidências textuais. Apesar dessa discrepância, a Egiptologia privilegiou os textos, tratando a vila amarniana como um subproduto de Deir el-Medina.

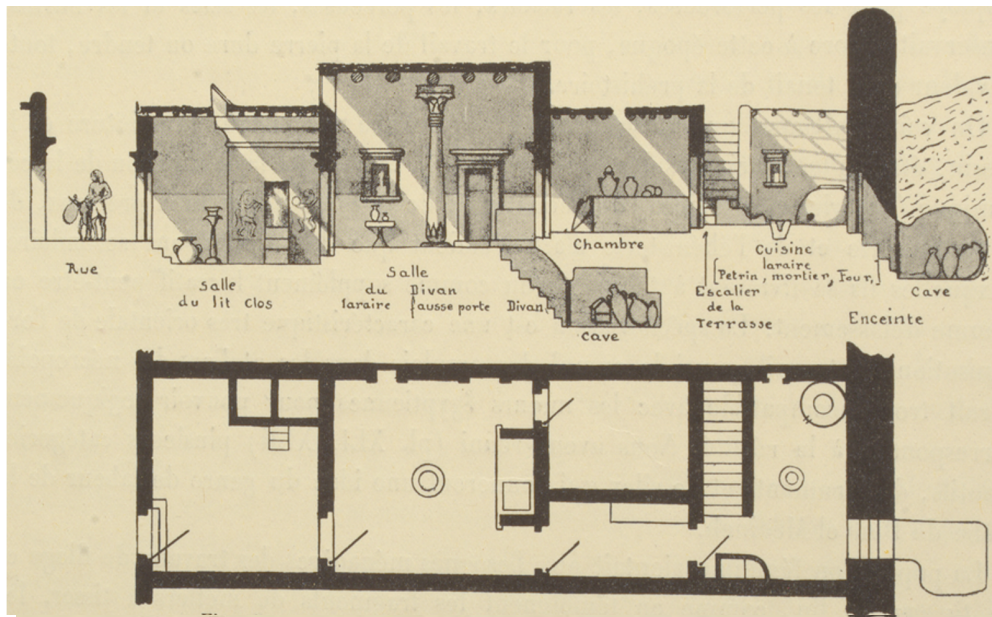
11 Ver Moeller (2016) para discussão e referências sobre os tipos de assentamentos egípcios.

12 Ver Soliman 2015; 2018; 2021.

13 Ver Koltsida (2007a) para a ideia de um espaço multifuncional das residências nas vilas trabalhadoras.



Figura 3 - Reconstrução de uma casa em Deir el-Medina por B. Bruyère.



Bruyère, B. Rapport sur les fouilles de Deir El Médineh (1934-1935). Troisième partie. Le village, les décharges publiques, la station de repos du col de la Vallée des Rois Le Caire: Institut français d'archéologie orientale, 1939, p. 50, Figura 15.

Um dos desafios desses assentamentos é reconstruir as residências a partir dos vestígios arqueológicos. Deir el-Medina foi escavada às pressas e o plano produzido por Bruyère para as residências não corresponde à realidade das residências no sítio, o que complica qualquer afirmação sobre a vida doméstica baseada na arqueologia local.¹⁴ No caso de Amarna, o sítio foi saqueado após as escavações da década de 1920, o que deixou a estratigrafia e a localização precisa de objetos e depósitos comprometida (Kemp, 1987b). Apesar disso, o material de Amarna oferece um panorama mais confiável sobre a arqueologia doméstica desse tipo de assentamento, não apenas pelas escavações modernas dirigidas por Barry Kemp, mas porque a vila foi ocupada por apenas 20 anos.

Ainda que a produção de modelos a partir das evidências arqueológicas de Amarna tenham também seus elementos complicadores, vou me ater ao seu material arqueológico pelas razões apontadas. Um dos desafios é compreender se/como as residências tinham um andar superior. A existência de um andar superior impacta o modo de organização do espaço e das atividades associadas à unidade habitacional. O material proveniente das casas Gate Street 8 e 9, por exemplo, indica que havia tipos distintos de piso superior, e que estes seriam capazes de suportar estruturas maiores (Kemp, 1986, p. 8–10). Se for este o caso, o telhado teria que ser robusto, a fim de suportar estruturas superiores, o que poderia ser facilitado pelas paredes das casas geminadas (Kemp, 1986; Spence, 2004; 2010). Assim, é possível que toda a vila tivesse uma estrutura de cobertura contínua (Kemp, 1986, p. 12).

14 Ver Gobeil et al. (2023) para uma perspectiva atualizada sobre a vila.

A evidência dos telhados e pisos superiores nos leva justamente a questionar o funcionamento do espaço residencial e sua organização. A investigação das casas West Street 2/3 mostra que as casas dessa área tinham um arranjo completamente diferente das demais (Kemp, 1987a, p. 1–16). Uma análise dos depósitos e das plantas das residências sugere que as pessoas poderiam viver no andar superior, mantendo o térreo para criação de animais. De modo geral, se alguma casa precisasse/quisesse adicionar áreas para moradia, criação de animais ou realização de atividades de preparação de alimentos, os telhados se tornavam a opção mais fácil, devido ao espaço limitado imposto pela muralha que circundava a vila.

Partindo da premissa de que todas as casas possuíam um segundo andar ou telhado, a paisagem dos pisos superiores não era necessariamente uniforme. Um dado que corrobora essa afirmação é o posicionamento variado das escadarias (Kemp, 1987b; Spence, 2004; Koltsida, 2007a), que daria acessos diferentes ao andar de cima e, ao mesmo tempo, poderia se concentrar em partes específicas das casas, tendo uma estrutura mais rígida – e, portanto, que suportasse outras estruturas mais pesadas, como um forno de pequeno porte, por exemplo. Isso nos permite também especular se os telhados faziam parte da dinâmica de locomoção da vila, em que as pessoas pudessem ir de uma casa à outra pelo andar superior, sem usar apenas as ruas.¹⁵

A extensão do espaço residencial com a construção de um piso superior foi visto por alguns como a criação de áreas de privacidade e separação (Meskell, 1999; 2002), especialmente reservadas para mulheres (Peet e Woolley, 1923; Kemp, 1989, p. 296; Spence, 2004, p. 150), embora esse tipo de afirmação não tenha respaldo significativo nas fontes egípcias.¹⁶ Outro elemento complicador diz respeito à ideia de privacidade, que é projetada a partir de um viés ocidental contemporâneo (Rocha, 2020; 2023). Do mesmo modo, no caso das habitações menores, os quartos não eram destinados a gêneros específicos (Koltsida, 2007a; 2007b; Rocha, 2018).

Seguindo o argumento de Kate Spence (2004) para as casas amarnianas na Cidade Principal, é provável que os andares superiores estivessem associados à melhoria das condições de vida. Barry Kemp sugeriu que os cômodos superiores ofereciam um espaço privado para a vida familiar, funcionando em paralelo ao piso térreo, que servia para convivência, interações sociais formais e informais e como local de trabalho. Nas pequenas casas da Vila de Trabalhadores, o piso térreo era usado para diversas atividades, como tecelagem, processamento de alimentos e criação de animais, além da interação social, tornando desejável um conjunto de quartos superiores mais reservados, o que, provavelmente, também ocorria nas pequenas casas da Cidade Principal.

15 Ver por exemplo os casos das residências Main Street 1, 5, 10, 12 que tinham a escada em direção aos cômodos frontais da casa, o que sugere que essa área fosse coberta (Peet e Woolley, 1923).

16 Ver Wilfong (1999); Frandsen (2007) a respeito da separação das mulheres menstruadas, por exemplo, e da delimitação de um espaço específico nas residências.



REPRESENTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: RECONHECENDO O VIÉS DE GÊNERO

Ao analisar os vestígios pictóricos das residências egípcias apresentados nas tumbas tebanas e o material arqueológico das habitações proveniente de Amarna, não há evidências de que mulheres são representadas no interior das casas. As representações femininas são distintas de acordo com o grau de parentesco e o status social e, em geral, as mulheres que ‘fazem coisas’ não são as de status elevado. Como discutido anteriormente, *nbt-pr* não é um título que confina a mulher ao ambiente doméstico. Desse modo, cabe questionar quais motivos levaram representações e reconstruções das residências egípcias feitas pela Egiptologia contemporânea a colocar a figura feminina no interior das residências.

Esse tipo de representação pode ser encontrada nas casas de Deir el-Medina¹⁷ e Amarna (Kemp, 2012). Em uma proposta de reconstrução da casa Gate Street 8, Barry Kemp coloca uma mulher nua no andar superior da residência, como uma indicação de um espaço privado, destinado às mulheres (Kemp 2012, 185). Tais modelos parecem mais baseados em pressupostos do que na realidade das evidências.

Arqueólogos como Bernard Bruyère, Eric Peet e Leonard Woolley, que coordenaram as escavações de Deir el-Medina e Amarna, respectivamente, nas décadas de 1920 e 1930, não reproduziram esse viés em seus modelos, embora Peet e Woolley (1923, p. 9)¹⁸ tenham sugerido que as mulheres tivessem uma área reservada no andar superior da casa para elas. Contudo, isso vale para as residências amplas da Cidade Principal, o que não é necessariamente corroborado por outras fontes. Contudo, ao se tratar das casas de pequeno porte, como no contexto da Vila de Trabalhadores, esse tipo de afirmação perde força, não apenas pela limitação de espaço dessas residências, o que dificultaria a separação de um cômodo exclusivo para as mulheres, mas pelo fato de que a própria paisagem dos andares superiores (*roofscape*) é incerta.

Esse tipo de leitura das fontes não me parece distante da proposta feita por Lynn Meskell para a Deir el-Medina. Apesar de suas fortes críticas à descrição ideal de Bruyère, Meskell a toma como ponto de partida, visando entender a concepção dos cômodos em Deir el-Medina através de características arquitetônicas e elementos decorativos. Ela propôs que o primeiro cômodo das casas seria voltado para o universo feminino; o segundo, para o masculino; e os outros pequenos cômodos, incluindo a cozinha, para funções servis e/ou femininas (Meskell, 1998; 2002, p. 111–116). O *lit-clos* no primeiro cômodo, associado a elementos figurativos do deus Bes, é visto como uma estrutura para dar à luz ou um altar de fecundidade feminina, reforçando, portanto, a associação deste espaço com temas femininos.¹⁹ No segundo cômodo, a presença de um divã sugere um espaço voltado para a autorrepresentação do proprietário

17 Ver, também, a obra de Jean-Claude Golvin, disponível em <https://jeanclaudegolvin.com/en/project/egypt/egypte-deir-el-medineh-maison-jc-golvin-2/> Acesso em 20/03/2025.

18 Também Kemp (1986, p. 25).

19 Há outras interpretações para essa estrutura, como a de Kemp (1979, p. 53), que defende a ideia de um espaço de comemoração. Koltsida (2006; 2007a; 2007b), apesar de seguir Meskell, aponta que a função do cômodo não necessariamente se funde à sua conceitualização. Sobre essa discussão, ver Rocha (2018, p. 303–305).



masculino. Na Vila de Trabalhadores em Amarna, algumas residências apresentavam decoração nas paredes dos cômodos frontais (por exemplo Long Wall Street 7, 10, 11, Main Street 3, Peet e Woolley, 1923, p. 84–85; Kemp 1979, p. 47, 49; Koltsida 2007b, p. 18–19) com imagens de mulheres (Long Wall Street 10) e o deus Bes (Main Street 3), o que não levou Kemp a estabelecer que esta área da casa fosse de uso exclusivo das mulheres.

Figura 4 - Reconstrução isométrica da casa Gate Street 8 na Vila de Trabalhadores em Amarna.

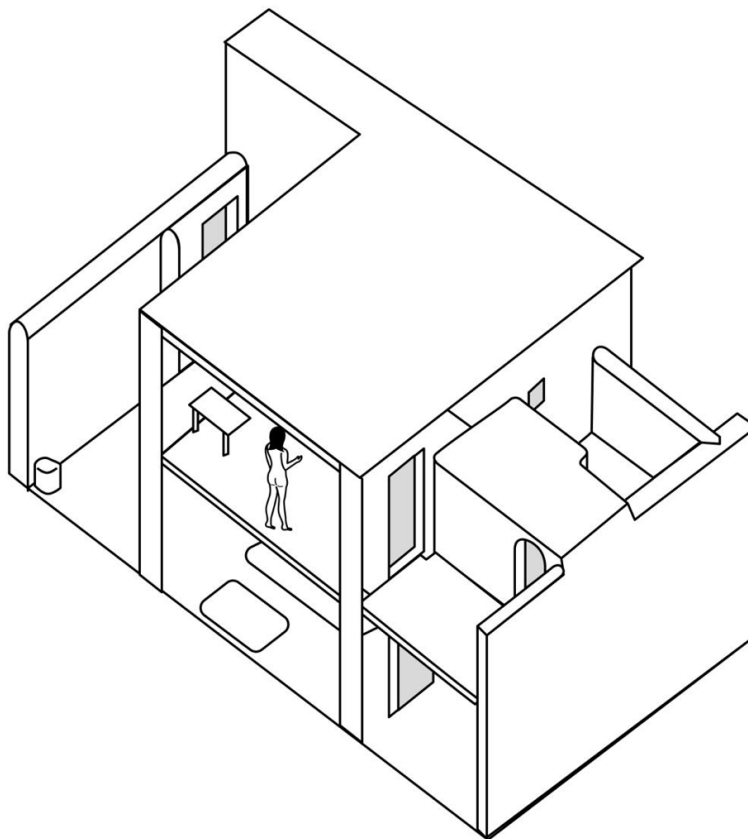


Ilustração: Karen Haldinger a partir de B. Kemp (2012, p. 185).

Não interessa a crítica isolada aos autores desses modelos, mas apontar para um modo de interpretar as fontes egípcias que permeia a prática de pesquisa. O caso da reconstrução de Gate Street 8 é notável, pois não há qualquer indício nas fontes materiais (a começar pelos próprios telhados) que sustente essa ideia. É preciso reconhecer que o viés de gênero que confina as mulheres egípcias à casa não tem qualquer respaldo nas fontes antigas. A interpretação enviesada de *nbt-pr* como uma espécie de ‘dona de casa’ consolida a imagem de que a função da mulher é sempre associada à reprodução de bens e pessoas (Yanagisako, 1979), em grande parte cristalizada na Europa do século XIX, sobretudo a partir de um modelo específico de habitação (Flanders, 2004).

Nesse sentido, é preciso problematizar esse viés e recuperar, na medida do possível, uma visão êmica dos egípcios a respeito do lar, dos homens e das mulheres que compartilhavam o espaço doméstico. Os estudos sobre as mulheres e o gênero no Egito antigo se debruçaram

sobre a titulação atribuída às mulheres, seus direitos e deveres no lar, mas, no que diz respeito ao espaço doméstico, não se preocuparam em compreender efetivamente a natureza da casa egípcia (e.g. Meskell, 1998; 1999; 2002; Szpakowska, 2008). O privilégio à documentação textual colocou a evidência arqueológica em segundo plano, quase como mera ilustração que confirmasse o que é ‘dito’ na fonte escrita.

Se, por um lado, a Egiptologia não entendeu as casas e as práticas sociais associadas a elas, por outro, a compreensão sobre o papel das mulheres e dos homens também foi limitada. Parte significativa dos estudos sobre o gênero se concentraram nas mulheres sob a chave da sexualidade e no papel das mulheres na família e na ‘vida cotidiana’. Ao caráter patriarcal das fontes egípcias, é preciso somar o viés androcêntrico das narrativas contemporâneas que, por muito tempo, ignoraram a participação e o protagonismo de mulheres em diversas áreas da sociedade egípcia. Apesar dos avanços a partir de trabalhos como os de Gay Robins (1993), Terry Wilfong (2007), Deborah Sweeney (2001; 2011) e Janet Johnson (2003), que destacaram e valorizaram as mulheres nas fontes egípcias, a literatura egiptológica, por muitas vezes, reduziu a feminilidade aos temas da fertilidade e da sexualidade. Nessa linha, não surpreende que a representação da figura feminina em Gate Street 8, por Kemp, esteja nua.

Não é objetivo deste texto oferecer um panorama sobre os estudos de gênero no Egito antigo, nem questionar a predominância masculina nas fontes,²⁰ o que certamente afeta o como entendemos as relações de gênero nessa sociedade. O gênero, tomado aqui como um marcador social das diferenças sexuais, precisa ser compreendido em uma perspectiva relacional (por exemplo, Strathern, 1988; 2004; 2014; 2016). Outro elemento complicador para a Egiptologia é a limitação (para não dizer quase ausência!) sobre os estudos a respeito da masculinidade. Os trabalhos existentes foram fortemente influenciados pela onda pós-moderna, destacando-se o viés dos estudos *queer* e do homoerotismo. No entanto, não houve uma análise sistemática sobre como os antigos egípcios concebiam a(s) masculinidade(s).²¹ Skumsnes (2018) apontou coexistência de múltiplas e contraditórias caracterizações de gênero na disciplina, destacando que não há consenso entre os especialistas sobre como os antigos egípcios compreendiam essas diferenças. O Egito antigo não tinha um discurso sobre o gênero, de modo que se torna mais difícil se aproximar de uma visão êmica sobre essa questão. A aparente confusão conceitual e teórica reflete a ausência de distinções claras entre sexo, gênero e sexualidade, conceitos que eram alheios ao antigo Egito. Skumsnes justifica essa falta de consenso graças a um problema na interpretação das fontes e da crença ingênua de que poderia haver uma única verdade, ou uma concepção sobre o gênero que desse conta das contradições e complexidades sociais. Ele reitera que diferentes fontes fornecem informações diversas, resultantes de fatores como o material, gênero, propósito e contexto e seleção dos registros, bem como as perguntas e perspectivas de quem interpreta (Skumsnes, em preparação). Reconhecer esses limites é fundamental.

20 As fontes egípcias são, em grande parte, associadas ao contexto funerário, ligadas à realeza e aos oficiais que trabalhavam para o rei em diversas funções de caráter administrativo. Para referências e discussão sobre os estudos de gênero na Egiptologia, ver Graves-Brown (2008), Ayad (2022), Skumsnes, Scrivens e Rocha, em preparação.

21 Sobre a discussão da masculinidade e o pós-modernismo, ver Connell (2005[1995]) e Connell e Messerschmidt (2005). Sobre os estudos a respeito da masculinidade no Egito, ver Parkinson (1995; 2008); Robins (2008); Reeder (2008); Borges Pires (2020), Franković e Matić (2023).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto buscou alertar para a produção de modelos analíticos que confinaram as mulheres no espaço interno da casa ao longo dos séculos XX e XXI. A investigação do espaço doméstico no Egito antigo precisa desfazer-se dos pressupostos contemporâneos (vitorianos) que transformaram as mulheres nas precursoras das donas de casa modernas. O título *nbt-pr* aponta para diversas possibilidades de associação feminina à residência, não necessariamente em uma posição subordinada e confinada ao lar. Ao mesmo tempo, o estudo da habitação à luz da cultura material e da Household Archaeology tem demonstrado a complexidade e a diversidade da experiência habitacional egípcia.

As residências das chamadas vilas trabalhadoras de Deir el-Medina e Amarna foram utilizadas pelos especialistas para a produção de modelos sobre a vida doméstica, com o lugar e a atuação das mulheres definidos a posteriori. Tais modelos foram reproduzidos sem qualquer análise crítica por especialistas, recriando uma casa fictícia. Ao mesmo tempo, o material arqueológico serviu quase como uma tela em branco para abrigar uma interpretação enviesada da evidência escrita. Tanto os textos como as fontes materiais foram observadas a partir de contextos privilegiados da sociedade egípcia, portanto, não representativo da sociedade em geral.

Reconstruções como as de Bernard Bruyère e Barry Kemp se tornaram cânones para explicar a vida social e as relações de gênero no Egito antigo, mas nenhuma delas corresponde à realidade do contexto arqueológico que buscaram representar. Nesse sentido, os estudos de gênero podem contribuir para a problematização desses vieses e, mais ainda, para ampliar a percepção das várias experiências de homens e mulheres no Egito antigo, a partir de contextos devidamente situados. Uma nova compreensão do espaço doméstico pode lançar luz às diversas relações sociais ali engendradas, destacando a dinâmica e a fluidez dos papéis masculinos e femininos. Para isso, a Egiptologia precisa enfrentar o campo teórico do gênero com propriedade, realizando estudos sistemáticos sobre as masculinidades. Se a casa egípcia foi concebida e ordenada a partir das relações sociais do chefe da família com os demais membros do grupo familiar, a masculinidade não pode se limitar ao homoerotismo masculino. Mais ainda, é preciso superar a (limitada) percepção de que o gênero se refere apenas às mulheres.

Não se trata de abolir modelos explicativos, mas de situá-los no contexto específico ao qual se referem, de produção e circulação. É necessário tanto o alerta a respeito dos nossos vieses interpretativos quanto produzir reconstruções que possam acomodar as múltiplas experiências sociais do passado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos colegas Reinert Skumsnes, Edward Scrivens e Ellen Jones pelo diálogo provocador e construtivo desde 2016, que permitiu repensar a relação do espaço doméstico egípcio com a perspectiva de gênero. Ao Professor Barry Kemp (*in memoriam*) e a Anna Stevens



pelo acesso ao material do Amarna Project e pelas reflexões compartilhadas sobre a vida de homens e mulheres que viveram em Amarna. Expresso minha gratidão aos organizadores do dossiê pelo convite e à equipe de revisores pelo trabalho cuidadoso e respeitoso com o texto.

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, James P. *The Heqanakht papyri*. New York: Metropolitan Museum of Art, 2002.

ALLISON, Penelope. *The archaeology of household activities*. London; New York: Routledge, 1999.

ARNOLD, Felix. A study of Egyptian domestic buildings. *Varia Aegyptiaca*, v. 5, p. 75-93, 1989.

ARNOLD, Felix. The meaning of change in ancient Egyptian domestic architecture: houses on Elephantine and the birth of the private. *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts, Abteilung Kairo*, v. 75, p. 1-13, 2020.

AYAD, Mariam F. (Org.). *Women in ancient Egypt: revisiting power, agency, and autonomy*. Cairo: American University in Cairo Press, 2022.

BARRETT, Caitlín E.; CARRINGTON, Jennifer. *Households in context: dwelling in Ptolemaic and Roman Egypt*. Ithaca: Cornell University Press, 2023.

BORCHARDT, Ludwig; RICKE, Herbert. *Die Wohnhäuser in Tell El-Amarna*. Berlin: Mann, 1980.

BORGES PIRES, Guilherme. Pode um deus dar à luz? Msj nos hinos religiosos do império novo egípcio (c. 1539-1077 a.C.): para uma (re)avaliação da “androginia” da divindade criadora. *Mare nostrum*, v. 11, n. 1, p. 61-103, 2020.

BRUYÈRE, Bernard. *Rapport sur les fouilles de Deir El Médineh (1934-1935)*. Troisième partie. Le village, les décharges publiques, la station de repos du col de la Vallée des Rois. Le Caire: Institut français d'archéologie orientale, 1939.

BUDIN, Stephanie L. Sex and Gender and Sex. *Mare Nostrum*, v. 11, n. 1, p. 1-59, 2020.

BUDIN, Stephanie L. *Gender in the ancient Near East*. Abingdon: Routledge, 2023.

BUDKA, Julia; AUENMÜLLER, Jörg. *From Microcosm to Macrocosm: individual households and cities in ancient Egypt and Nubia*. Leiden: Sidestone Press, 2018.

CONNELL, Raewyn W. *Masculinities*. Berkeley; Los Angeles: Polity Press, 2005 [1995].

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. *Gender Society*, v. 19, p. 829-859, 2005.



- DORRY, Marie-Anne E. (Org.) *Food and drink in Egypt and Sudan: selected studies in archaeology, culture, and history*. Le Caire: Polish Centre of Mediterranean Archaeology, University of Warsaw; Institut français d'archéologie orientale, 2023.
- EYRE, Christopher. The Market Woman of Pharaonic Egypt. In: GRIMAL, Nicolas-Christophe; MENU, Bernadette (Orgs.). *Le commerce en Égypte ancienne*. Cairo: IFAO, 1998. p. 173–191.
- EYRE, Christopher. Women and Prayer in Pharaonic Egypt. In: *DECORUM and experience: essays in ancient culture for John Baines*. Oxford: Griffith Institute, 2013, p. 109-116.
- EYRE, Christopher. Women and Prayer in Pharaonic Egypt. In: Frood, Elizabeth; McDonald, Angela (Orgs.) *Decorum and experience: Essays in Ancient Culture for John Baines*. Oxford: Griffith Institute, 2013. p. 109-116.
- FLANDERS, Judith. *The Victorian house: domestic life from childbirth to deathbed*. London: HarperCollins, 2004.
- FRANKOVIĆ, Filip; MATIĆ, Uroš. 'Boy, you fight like a woman...': representations of defeated enemies, boys and male nudity in the Late Bronze Age Aegean iconography and their role in the expression of masculinity. *Men and Masculinities*, v. 26, n. 1, p. 44–68, 2023.
- FRANSEN, Paul J. The menstrual "taboo" in ancient Egypt. *Journal of Near Eastern Studies*, v. 66, n. 2, p. 81–105, 2007.
- GOBEIL, Cédric; SALMAS, Anne-Caroline; ONÉZIME, Olivier. Le village de Deir el-Medina: nouveau plan topographique et pistes de réflexion. *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale*, v. 123, p. 171–213, 2023.
- GRAVES-BROWN, Carolyn; COONEY, Kara. *Sex and gender in ancient Egypt: 'don your wig for a joyful hour'*. Swansea: Oakville, CT: Classical Press of Wales; Distributor in the U.S.A., The David Brown Book Co, 2008.
- GRIFFITH, Francis L.; NEWBERRY, Percy E.; PETRIE, William M. *Kahun, Gurob and Hawara*. London: Kegan Paul, Trench, Trübner and Co, 1890.
- HAMLETT, Jane. *At home in the institution: material life in asylums, lodging houses and schools in Victorian and Edwardian England*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2015.
- HOLLIS, Susan T. Egyptian literature. In: EHRLICH, Carl S. (Org.) *From an antique land: an introduction to ancient Near Eastern literature*. Lanham, MD; Plymouth: Rowman & Littlefield, 2009, p. 77–136.
- JOHNSON, Janet. Sex and Marriage in Ancient Egypt. In: GRIMAL, Nicolas-Christophe; KAMEL, Ahmed; MAY-SHEIKHOESLAMI, Cynthia (Orgs.). *Hommages à Fayza Haikal*. Le Caire: Institut français d'archéologie orientale, 2003, p. 149–159.
- KEMP, Barry J. *The city of Akhenaten and Nefertiti: Amarna and its people*. London: Thames & Hudson, 2012.
- KEMP, Barry J. The early development of towns in Egypt *Antiquity*, v. 51, p. 185–200, 1977a.
- KEMP, Barry J. The city of el-Amarna as a source for the study of urban society in ancient Egypt. *World Archaeology*, v. 9, p. 123–139, 1977b.



- KEMP, Barry J. Preliminary report on the el-'Amarna survey, 1978 *Journal of Egyptian Archaeology*, v. 65, p. 5–12, 1979.
- KEMP, Barry J. *Amarna Reports I*. London: Egypt Exploration Society, 1984.
- KEMP, Barry J. *Amarna Reports III*. London: Egypt Exploration Society, 1986.
- KEMP, Barry J. *Amarna Reports IV*. London: Egypt Exploration Society, 1987a.
- KEMP, Barry J. *The Amarna workmen's village in retrospect*. *Journal of Egyptian Archaeology*, v. 73, p. 21–50, 1987b.
- KEMP, Barry J. *Ancient Egypt: anatomy of a civilization*. London: Routledge, 1989.
- KESSLER, Dieter. 'pr' + Göttername als Sakralbereich der staatlichen Administration im Neuen Reich. In: SCHLÜTER, Andreas; SCHLÜTER, Katrin; ADROM, Felix (Orgs.) *Altägyptische Weltsichten: Akten des Symposiums zur historischen Topographie und Toponymie Altägyptens vom 12.-14. Mai in München*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2008, p. 65–104.
- KOLTSIDA, Kaiterina. *Social aspects of ancient Egyptian domestic architecture*. (BAR International). Oxford: Archaeopress, 2007a.
- KOLTSIDA, Kaiterina. *Domestic space and gender roles in ancient Egyptian village households: a view from Amarna workmen's village and Deir el-Medina*. *British School at Athens*, v. 15, p. 121–127, 2007b.
- LACOVARA, Peter. *The New Kingdom royal city*. London: Kegan Paul International, 1997.
- LANDGRÁFOVÁ, Renata; NAVRÁTILOVÁ, Hana. *Sex and the golden goddess I: ancient Egyptian love songs in context*. Prague: Czech Institute of Egyptology, 2009.
- LANDGRÁFOVÁ, Renata; NAVRÁTILOVÁ, Hana. Love songs and Deir el-Medina. In: TOIVARI VIITALA, Jaana; VARTIAINEN, Turo; UVANTO, Saara. (Orgs.) *Deir el-Medina studies: Helsinki, June 24-26, 2009*. Vantaa: Multiprint, 2014, p. 101–122.
- LEHNER, Mark. Fractal house of Pharaoh: ancient Egypt as a complex adaptive system. In: GUMERMAN, George J.; KOHLER, Timothy A. (Orgs.) *Dynamics in human and primate societies: agent-based modelling of social and spatial processes*. New York; Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 275–353.
- LEHNER, Mark. Sensory experience and social space at Heit el-Ghurab: the Giza pyramid builders' settlement. In: SIGL, Johanna (Org.) *Daily life in ancient Egyptian settlements: conference Aswan 2019*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2022, p. 131–149.
- LI, Jean. *Women, gender and identity in Third Intermediate Period Egypt: the Theban case study*. London; New York: Routledge, 2017.
- LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian literature: a book of readings, volume II: The New Kingdom*. Los Angeles: University of California Press, 1976.



LOPRIENO, Antonio (Org.). *Ancient Egyptian literature: history and forms*. Leiden; New York; Köln: E. J. Brill, 1996.

MCDOWELL, Angela. G. *Village life in ancient Egypt: laundry lists and love songs*. Oxford: Oxford University Press, 2010 [1999].

MESKELL, Lynn. An archaeology of social relations in an Egyptian village *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 5, p. 209–243, 1998.

MESKELL, Lynn. *Archaeologies of social life: age, sex, et cetera in ancient Egypt*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

MESKELL, Lynn. Private life in New Kingdom Egypt. *Princeton; Chichester*: Princeton University Press, 2002.

MESKELL, Lynn M. Re-em(bed)ding sex : domesticity, sexuality and ritual in New Kingdom Egypt. In: SCHMIDT, Robert A.; VOSS, Barbara L. (Orgs.) *Archaeology of sexuality*. London: Routledge, 2000, p. 253–262.

MILLER, Daniel. *The comfort of things*. Cambridge: Polity Press, 2008.

MILLER, Daniel. *Home possessions: material culture behind closed doors*. Oxford: Berg, 2001.

MORENO GARCIA, J. C. Households. In: FROOD, Elizabeth; WENDRICH, Willeke (Orgs.), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*. Los Angeles, 2012.

OLABARRIA, Leire. *Kinship and Family in Ancient Egypt*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

PARKINSON, Richard. B. *Voices from ancient Egypt: an anthology of Middle Kingdom writings*. London: British Museum, 2004.

PARKINSON, Richard. B. *Poetry and culture in Middle Kingdom Egypt: a dark side to perfection*. London; Oakville, CT: Equinox Pub, 2010.

PARKINSON, Richard. B. 'Boasting about hardness': constructions of Middle Kingdom masculinity. In: GRAVES-BROWN, Carolyn. (Org.) *Sex and gender in ancient Egypt: 'don your wig for a joyful hour'*. Swansea: Classical Press of Wales, 2008, p. 115–142.

PEET, Thomas. E.; WOOLLEY, Leonard.; FRANKFORT, Henri.; PENDLEBURY, John. D. *The city of Akhenaten*. London; Boston: Egypt Exploration Society, 1923.

PENDLEBURY, John. D. S. The city of Akhenaten. Part III: The central city and the official quarters. *The excavations at Tell-El-Amarna during the seasons 1926-1927 and 1931-1936*. London: Egypt Exploration Society; Geoffrey Cumberlege, Oxford University Press, 1951.

PETRIE, William. M. F. Illahun, Kahun and Gurob, 1888-90. London: D. Nutt, 1891.



PFÄLZENER, Peter. Activity-area analysis: a comprehensive theoretical model. In: MÜLLER, M. (Org.). *Household Studies in Complex Societies: (Micro) Archaeological and Textual Approaches*. Chicago: University of Chicago Press, 2015, p. 29–60.

QUIRKE, Stephen. Women of Lahun (Egypt 1800 BC). In: WHITEHOUSE, Ruth D.; HAMILTON, Sue; WRIGHT, Katherine. I. (Orgs.). *Archaeology and women: ancient and modern issues*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2007, p. 246–262.

QUIRKE, Stephen. Women in Ancient Egypt: temple titles and funerary papyri. In: LEAHY, A.; TAIT, J. (Orgs.). *Studies on ancient Egypt in honour of H. S. Smith*. London: Egypt Exploration Society, 1999, p. 227–235.

RAINVILLE, Lynn. Investigating traces of everyday life in ancient households: some methodological considerations. In: MÜLLER, Miriam (Org.). *Household Studies in Complex Societies: (Micro) Archaeological and Textual Approaches*. Chicago: University of Chicago Press, 2015, p. 1–28.

REEDER, Greg. Queer Egyptologies of Niankhkhnum and Khnumhotep. In: GRAVES-BROWN, Carolyn. (Org.). *Sex and gender in ancient Egypt: 'don your wig for a joyful hour'*. Swansea: Classical Press of Wales, 2008, p. 143–155.

RICKE, Herbert. *Der Grundriss des Amarna-Wohnhauses*. Leipzig: J. C. Hinrichs, 1932.

ROBINS, Gay. *Women in ancient Egypt*. London: British Museum Press, 1993.

ROBINS, Gay. *Proportion and style in Ancient Egyptian art*. London: Thames and Hudson, 1994.

ROBINS, Gay. Male bodies and the construction of masculinity in New Kingdom Egyptian art. In: D'AURIA, S. (Org.). *Servant of Mut: Studies in Honor of Richard A. Fazzini*. Leiden: BRILL, 2008, p. 208–215.

ROCHA, Thais. *A senhora da casa ou a dona da casa? Construções sobre gênero e alimentação no Egito Antigo*. Cadernos PAGU, v. 39, p. 55–86, 2012.

ROCHA, Thais. Reassessing models in gender and domestic space in New Kingdom workmen's villages. In: GARCIA-VENTURA, Agnes; BUDIN, Stephanie L.; MILLET ALBÀ, Adelina; CIFARELLI, Megan. (Orgs.). *Gender and methodology in the ancient Near East: approaches from Assyriology and beyond*. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2018, p. 299–312.

ROCHA, Thais. Novas abordagens sobre a arqueologia da casa na Vila de Trabalhadores em Amarna. *Roda da Fortuna*, v. 9, n. 2, p. 25–47, 2020.

ROCHA, Thais. Reflexiones sobre la privacidad y el espacio doméstico en la aldea de los trabajadores de Amarna. In: NORIA-SERRANO, Beatriz. (Org.). *Dinámicas sociales y roles entre mujeres: percepciones em grupos de parentesco e espaços domésticos em o Oriente antigo*. Oxford: Archaeopress, 2023, p. 140–152.



SKUMSNES, Reinert. *Patterns of change and disclosures of difference*. Family and gender in New Kingdom Egypt. 2018. Tese de doutorado (Gender Studies) – Universidade de Oslo, Noruega.

SKUMSNES, Reinert. New Kingdom non-royal female titles: patterns, change, variation, and ambiguity. In: SKUMSNES, Reinert; SCRIVENS, Edward; ROCHA, Thais. (Orgs.) *From Women to Research in Egyptology: In Search of Patterns, Change and Variation*. Liverpool: Liverpool University Press, [em preparação].

SKUMSNES, Reinert; SCRIVENS, Edward; ROCHA, Thais. (Orgs.) *From Women to Research in Egyptology: In Search of Patterns, Change and Variation*. Liverpool: Liverpool University Press, [em preparação].

SOLIMAN, Daniel. Workmen's marks in pre-Amarna tombs at Deir el-Medina. In: BUDKA, Julia; KAMMERZELL, Frank; RZEPKA, Slawomir. (Orgs.) *Non-textual marking systems in ancient Egypt (and elsewhere)*. Hamburg: Widmaier, 2015. p. 109–132.

SOLIMAN, Daniel. Ostraca with identity marks and the organisation of the royal necropolis workmen of the 18th dynasty. *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale*, v. 118, p. 465–524, 2018.

SOLIMAN, Daniel. Two groups of Deir el-Medina ostraca recording duty rosters and daily deliveries composed with identity marks. In: AST, Rodney; CHOAT, Malcolm; CROMWELL, Jennifer; LOUGOVAYA, Julia; YUEN-COLLINGRIDGE, Rachel (Orgs.) *Observing the scribe at work: scribal practice in the ancient world*. Leuven; Paris; Bristol, CT: Peeters, 2021. p. 45–61. SPENCE, Kate. The three-dimensional form of the Amarna house. *Journal of Egyptian Archaeology*, v. 90, p. 123–152, 2004.

SPENCE, Kate. Settlement structure and social interaction at el-Amarna. In: BIETAK, Manfred; CZERNY, Ernst.; FORSTNER-MÜLLER, Irene. (Orgs.) *Cities and urbanism in ancient Egypt: papers from a workshop in November 2006 at the Austrian Academy of Sciences*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2010, p. 289–298.

STEFANOVIĆ, Danjela.; SATZINGER, Helmut. I am a Nbt-pr, and I am independent. In: GRAJETZKI, Wolfram; MINIACI, Gianluca. (Orgs.) *The world of Middle Kingdom Egypt (2000-1550 BC): contributions on archaeology, art, religion, and written sources*. v. 1. London: Golden House, 2015, p. 333–338.

STRATHERN, Marilyn. *The gender of the gift: problems with women and problems with society in Melanesia*. Berkeley: University of California Press, 1988.

STRATHERN, Marilyn. *Partial connections*. Updated ed. Walnut Creek, Calif.: Altamira Press, 2004.

STRATHERN, Marilyn. Reading relations backwards *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 20, n. 1, p. 3–19, 2014.



STRATHERN, Marilyn.; BUTLER, Judith.; FRANKLIN, Sarah. *Before and after gender: sexual mythologies of everyday life*. Chicago, IL: HAU Books, 2016.

SWEENEY, Deborah. *Correspondence and dialogue: pragmatic factors in late Ramesside letter writing*. Wiesbaden: Harrassowitz in Kommission, 2001.

SWEENEY, Deborah. Gender and language in the Ramesside love songs. *Bulletin of the Egyptological Seminar*, v. 16, p. 27–50, 2002.

SWEENEY, Deborah. Sex and Gender. In: FROOD, Elizabeth; WENDRICH, Willeke (Orgs.), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*. Los Angeles, 2011.

SWEENEY, Deborah. Women at Deir el-Medina. In: BUDIN, Stephanie. L.; TURFA, Jean. M. (Orgs.). *Women in antiquity: real women across the ancient world*. London: Routledge, 2016, p. 243–254.

SZPAKOWSKA, Kasia. M. *Daily life in ancient Egypt: recreating Lahun*. Malden, MA: Blackwell Pub, 2008.

TAYLOR, John. H. (Org.) *Journey through the afterlife: ancient Egyptian Book of the Dead*. London; Cambridge, MA: British Museum Press; Harvard University Press, 2010.

TOIVARI-VIITALA, Jaana. K. Marriage at Deir el-Medina. In: *Proceedings of 7th International Congress of Egyptologists*. Cambridge, 3-9 September, 1995. Leuven: Orientalia Lovaniensia Analecta 82. Peeters, 1998.

TOIVARI-VIITALA, Jaana. K. *Women at Deir el-Medina: a study of the status and roles of the female inhabitants in the workmen's community during the Ramesside Period*. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2001.

TOIVARI-VIITALA, Jaana. K. Marriage and Divorce. In: FROOD, Elizabeth; WENDRICH, Willeke (Orgs.), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2013.

WEISS, Lara. *Religious practice at Deir el-Medina*. Leuven: Peeters, 2015.

WEGNER, Joseph. W. Social and historical implications of sealings of the king's daughter Reniseneb and other women at the town of Wah-Sut. In: BIETAK, Manfred.; CZERNY, Ernst. (Orgs.). *Scarabs of the second millennium BC from Egypt, Nubia, Crete and the Levant: chronological and historical implications; papers of a symposium, Vienna, 10th - 13th of January 2002*. Wien: Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2004, p. 221–240.

WILFONG, Terry. *Gender and sexuality*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

WILFONG, Terry. Menstrual synchrony and the "place of women" in ancient Egypt (Oriental Institute Museum Hieratic Ostrakon 13512). In: LARSON, John. A.; TEETER, Emily. (Orgs.). *Gold of praise: studies on ancient Egypt in honor of Edward F. Wente*. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 1999, p. 419–434.

